

REENCARNADO

José Mojica Marins finaliza trilogia do Zé do Caixão quarenta anos depois

Meia Noite. Na mesma hora em que a alma de Zé do Caixão foi levada em *A Meia Levarei sua alma*, a 3X4 estava conversando com o seu criador. Nada mais apropriado do que a madrugada para um encontro com o maior nome do cinema de terror no Brasil. José Mojica Marins nos recebeu poucas horas depois da sua chegada a Porto Alegre. O encontro se deu no saguão do hotel em que ele estava hospedado. Prestes a lançar *Encarnação do Demônio*, filme que completa a trilogia iniciada com seus dois primeiros filmes, o cineasta, entre um cigarro e outro, fez o que sabe de melhor: contar histórias.

Julia Aguiar

Leonardo Kluck

Thiago Reck

3x4 – Como você define a morte?

Mojica - A morte é o grande mistério do planeta. Possivelmente, até se descobrirem que haja vida em outras galáxias ou em outros planetas, ninguém terá realmente a verdade sobre a morte. Eu sou uma pessoa que lida muito com o sobrenatural e com coisas místicas. Sobre a morte, eu acho que já falei, por baixo, entre televisão, rádio, jornais, revistas, mais de mil vezes. Eu sempre parto de um princípio: não dá para ter uma explicação. Eu já discuti com várias pessoas, pastores, padres, pais-de-santo. Mas como a pessoa vai explicar algo se ninguém voltou para falar? Porque, nossa, seria manchete no mundo inteiro. É um enigma! Você sabe que nasce, de onde você vem, mas para onde você vai depois da morte? O corpo sabemos que os vermes consomem. E a nossa essência, essa inteligência, esse ego, esse eu dentro da gente? Na minha maneira de pensar, eu vejo o nosso planeta como um satélite experimental. E jamais alguém morreria e voltaria pra cá. A essência, a alma, não volta. O que fica na verdade é aquela força que a gente tem, positiva, que por um bom tempo fica na terra. Como o próprio 'são', descobriram, faz o que, uns dez anos, que o 'são' de Dom Pedro estava preso, aqui no nosso sistema solar, no planeta. E aí soltaram a voz de Dom Pedro, entre tantas vozes. Então ficamos também presos, por 20, por 30, 50 ou por 100 anos. Uma espécie de essência nossa, positiva - não a alma. Ela fica presa. É quando as pessoas dizem: "Eu vi tal imagem da pessoa que morreu". Eu nos meus cursos, nas minhas palestras, ensino como falar com os mortos. Eu sei falar.

3x4 – Como falar com os mortos?

Mojica – Não é bem nas palestras, é mais nas aulas que eu faço, nas oficinas de cinema. O pessoal vai querendo saber muito sobre cinema, sobre planos futuros. Mas entre as pessoas que eu ensinei como falar com os mortos, houve quem enlouqueceu, houve quem morreu e houve quem normalmente é meu amigo e hoje fala: "Você tá certo, eu vi quem eu queria ver". Teve gente que quis ver a esposa e viu a esposa. Teve mulher que quis ver o marido e viu o marido. Houve quem quisesse ver o filho. E é o que eu falei, você vê a imagem. Você fala mas ela não te responde. Ela vem daquilo que eu chamo fé. A fé é uma força que vem de dentro do nosso ser. Seria o nosso subconsciente. Acreditar em algo. Então não é o problema de ver uma imagem da Virgem, ou de Cristo, e pedir a coisa a ser feita. Você pode pegar um cigarro e normalmente pedir para o cigarro. Você tá com uma dor de cabeça, olha para o cigarro e acredita que esse cigarro vai parar sua dor de cabeça. Se não é uma doença pesada, como câncer, com certeza você pondo na cabeça que esse cigarro vai, você pede. É o seu subconsciente pedindo, e o cigarro vai fazer um milagre. Vai passar sua dor de cabeça. E aí você olha: "Nossa, é um talismã!". Não, foi a sua cabeça que fez isso. Então quando eu ensino a falar com os mortos, eu ajudo a pessoa a matar uma saudade. De repente de um filho, de uma pessoa amada. Você vai rever ela, até sorridente, porque você vai pensar em um momento feliz com a pessoa. E a pessoa vai aparecer para você. Você vai falar, ela vai estar sempre sorrindo. Depois passa. É um minuto. É o tempo que a sua mente agüenta. As pessoas que fizeram a prova chegaram no máximo a um minuto, um minuto e cinco. É de 30 segundos a um minuto e cinco mais ou menos, que você vê a imagem, bem nítida. Aí você matou a saudade. No dia seguinte você está bem porque viu a pessoa, e sabe como vê-la outra vez. Então o segredo da morte está nisso. Você quer rever a pessoa e quem sabe no futuro se juntar a ela. Aí você passa a ter coragem de enfrentar a dor da morte. Essa experiência serve para isso: dar coragem para enfrentar a dor da morte.

3x4 - Você é espírita?

Mojica - Não eu não sou espírita. Eu, Mojica, acredito que uma força bem superior a todos nós, chamada de Deus, criou o homem, e o homem criou o diabo. Jamais Deus criaria o diabo. Por que ele, com tanta força, ia pôr uma força negativa para nos insistir a fazer coisas imorais, ou seja, as tentações? Então o próprio homem criou o diabo. Mas aí nasceu o espiritismo. Nasceu uma série de religiões. Na verdade, por temerem a coisa mais forte que existe sobre o planeta: a morte. Ela mete medo. Será que a morte - a gente já viu tanta gente morrer sorrindo - não dói? Será que a morte é suave? O que acontece quando morremos? Como eu falei, não voltamos para cá, morremos, podemos ir pra uma ala, para, sei lá, um mundo paralelo, para uma outra dimensão. Mas jamais voltaríamos para a terra. Jamais entraria aqui quem morreu. Ele vai realmente para um outro plano, não tem mais nada a

ver com a terra. Então tudo o que você vê é imagem. Eu já vi. Quando morreu minha mãe, por uma, duas, três vezes, eu achei que estava ficando louco. Mas aí uma amiga minha, que morava na minha casa também, um dia ela olhou.. "Seu Mojica, você tá vendo o que eu tô vendo?". E era a imagem dela da maneira que ela fazia. Ela vinha no meu quarto me abençoar, e partia, normal. Nós só vimos ela fazer aquilo. Então, a essência dela tinha ficado. Aí, eu falei: "Não. Agora eu posso dar uma explicação. Não estou louco. Não está voltando coisa nenhuma!". Você vai falar e ela não vai te ouvir. É a mesma coisa que essas experiências que eu faço. A pessoa vai ver a imagem, mas ela não vai te responder. Então sabemos que são milhões de pessoas com a missão de desvendar a morte, mas ninguém chegou lá. Há livros, há filmes, há vídeos, tudo que é forma da morte, mas ninguém está falando a verdade.

3x4 – O que você acha do medo que as pessoas têm da morte?

Tudo isso que você faz, coisas violentas, coisas que passam, nada supera a morte. Então surge aqui os evangélicos. Tem a Igreja Universal do Bispo Macedo. Vem falar da morte: "Cristo foi o único que morreu e ressuscitou". E vai ficar nisso. É uma lenda? é uma verdade? É uma questão de medo da morte que todo mundo tem. Não adianta, todo mundo fala qualquer coisa: "Eu não tenho medo", mas se o cara tá doente, sentindo a mínima dor, não quer morrer. Ninguém quer morrer porque não sabe o que tem do outro lado. Todo mundo quer ficar o máximo possível aqui, com todos os problemas que tem. Quer ficar aqui porque não sabe. Na verdade, é o medo da dor. Dói? Cai um raio, BUM! Um segundo, você morreu. Só que aquele segundo, é uma eternidade.

3x4 – E a sua experiência de quase morte?

Em 76, é de conhecimento público, eu tive uma parada cardíaca de quatro minutos. Meu coração parou. Fui dado como morto. Se não fosse essa parada cardíaca dar dentro do hospital, eu não estaria aqui para falar com vocês. Nesses quatro minutos o que eu senti foi dor. Muita dor. Procurei retratar em *Demônios e Maravilhas* o que eu vi. Somente o branco. Todo mundo quer fugir das trevas, eu de repente me vi no branco, queimando. Era branco para todo lado. Areia queimando, queimando. Dor. Eu não parava de gritar. Voltei a mim, com uma massagem que fizeram, e voltei gritando. Então, para mim, eu fui testado. Uma época, o Sílvio Santos fez um programa só para testar quem teve parada cardíaca. Eu encontrei 100 pessoas. E todos eles sentiram o que eu senti: dor. Muita dor. Então, sobre a morte: dói. Não sei quanto tempo a pessoa vai ficar com a dor, mas que dói, dói. Como se diz, depois não se sabe para onde vai esse espírito. Ainda não está escrito. Na minha concepção de vida, se você tiver uma energia fraca, eu acho que essa energia vai se unir a outra, e vão se juntar a uma energia forte.

Vamos citar um nome, que a energia dele jamais morreu, e ficará para sempre, cada vez maior. Leonardo Da Vinci. Com a inteligência supra dele, com certeza ele ficou. Morreu o corpo, mas a essência ficou, e com isso vai se juntando mais. Buda, Cristo, não sei se foi uma invenção. Eu sou católico de formação, mas não sei se foi uma invenção. Pode ser que Cristo não tenha sido o que a gente tanto venera. Hoje me fizeram uma pergunta na televisão sobre esse novo planeta. Ele não será um planeta legal, se não entrar política, se não entrar um pouco de corrupção lá dentro. Então é um planeta que vai começar, mas nunca vai ficar na inocência, tem que ter os dois lados. O pecaminoso, e o lado bom, para ter um equilíbrio. Se não, não tem razão. Se todo mundo fosse bonzinho não seria legal. Então existe o mal. O bem combate o mal e há uma razão para existir.

3x4 - Mas o Zé do Caixão vê diferente a morte.

Mojica - O Zé acha que a morte é a extinção do seu corpo. Então para que ele não morra, está procurando um filho perfeito. Ele acredita só na força da mente. Ele não acredita em Deus, em espíritos, no diabo. Só na força da mente. Então ele acha que se encontrar uma mulher que pense como ele, que não ame, mas que não odeie, e realmente tenha um pensamento firme, seja inteligente, e nascer um filho dele com ela, ele jamais morrerá. Através desse filho, de netos, ele vai sobreviver, porque realmente é a essência dele, a inteligência dele que vai ficar. O resto ele acha normal. Por isso, se ele tivesse um filho, como agora nessa última fita que eu fiz, ele não teria medo da morte. Agora por que? Porque ele engravida sete mulheres, e uma delas tem que dar certo. Na primeira [*À meia noite levarei sua alma*] ele pegou a noiva de um amigo dele. Matou o amigo e estuprou ela, esperando ter um filho. Mas ela se suicidou. Aí ele ficou mais esperto. No *Esta Noite* ele passou a seqüestrar mulheres, a testar a inteligência delas, até achar a mulher perfeita. Ele acha, mas a mulher morre na gravidez.

3x4 – Porque Encarnação do Demônio foi feito só agora?

Mojica – O *Encarnação* era para ser feito em 1967. O roteiro foi escrito em 66, logo após o *Esta Noite*. Mas por problemas da ditadura, uma série de coisas, a fita foi barrada, e só foi realizada no ano passado. Ainda em maio agora eu vou gravar mais uns dois dias de detalhes: faca varando o coração, olhos, detalhes de um olho de barata, e tal. Eu uso numa menina 3000 baratas. Coisas que ninguém nunca fez. Então eu faço questão de dizer para o mundo todo que não é computador, não é trucagem, é real. Eu preparei a moça, pra ela enfrentar 3000 baratas. Afogo ela numa pia, ela não morre, jogo ela no chão e é barata para todo canto. Tinha 70 pessoas na equipe. Foi a fita mais cara da minha vida e a maior equipe. O máximo que eu tinha trabalhado era com 15 pessoas. Dessa vez foram 70. Os melhores do Brasil. Fizeram Carandiru, Central do Brasil, Cidade de Deus, tudo que há de bom. Esses

elementos, na hora das baratas, ninguém ficou perto. Só ficou eu e a menina. Nem os atores quiseram ficar por perto. Todo mundo com botas até aqui. Vieram de casação, fecharam a camisa. E eu e ela fazendo. E a cena foi feita. Ninguém acreditava. Parecia que a fita tinha terminado para a menina. Deu uma crise. Ela tinha subido para tomar banho, quando de repente, eu não fiquei satisfeito e fui buscá-la. Disse: "Você vai ter que fazer outra vez".

3x4 - O Zé do Caixão é um cara super revoltado, fala coisas que são super agressivas, ataca símbolos importantes para os cristãos. Chega a arrancar a coroa de Cristo. Por quê?

Mojica – O Zé é um personagem revoltado né... Josefel Zanatas é o Zé do Caixão. Foi filho de funerários, foi discriminado na escola, conseguiu uma esposa e foi para a guerra. Voltou desesperado. Chegou e foi encontrar a noiva sentada no colo do prefeito. Matou a noiva, matou o prefeito, e só foi absolvido porque era negócio de guerra. Dali nasceria uma revolta com ele. E ele passaria a só valorizar a inocência da criança, que é pura demais. Então há muita coisa que vai se entender melhor com o *Encarnação*. No final da trilogia vai se entender toda ideologia e filosofia dele. O Zé pensa o seguinte: “qual o problema de morrer 100 pessoas inúteis para que milhões de seres humanos sejam salvos?” Então ele vai nisso. Ele acha que se encontrar a mulher com quem possa ter o filho perfeito vai estar realizado. Ele mata, mas apenas quem cruza o seu caminho. Ele segue a reta dele, e mata só quem cruza o caminho. Se não mexem com ele, ele também não vai fazer porra nenhuma. Você vê no *À Meia-noite*: ele estuprou a esposa do melhor amigo para conseguir um filho. Ele não iria matar o médico, se o médico não se metesse com ele. Se ele raptasse as sete mulheres no *Esta Noite* e ninguém se metesse, não iria matar ninguém. Tem toda uma lógica. E o *Encarnação*, como na época eu achei que ia fazer em 67, no ano seguinte, eu estava tranquilo porque todo mundo ia entender, vendo as três fitas juntas. O que vai acontecer agora: o pessoal vai ver o *Encarnação* e vai querer ver o *À meia-noite* e o *Esta noite* para entender. E o *Encarnação* vai dar explicação para todos problemas que ficaram sem resposta. Eu tinha um problema de censura em cima, e não podia detalhar determinadas coisas, senão os caras me seguravam. Deu zebra de eu começar a fazer o Zé exatamente quando nascia a ditadura. Agora com o *Encarnação* eu posso morrer sossegado, porque eu deixo uma série de explicações. Mas mesmo assim eu estou escrevendo um livro, de como seria a continuação do *Encarnação*, para deixar mais explícito, para que não haja confusão após a minha morte, para não acharem que o Zé do Caixão era um ser paranormal.

3x4 – Então que palavra define o Zé do Caixão?

Mojica – Ele é um homem persistente, ele vai naquilo que acredita. Passam-se 40 anos e ele continua

atrás do que acredita. Eu acredito muito na persistência, defendo isso demais e quero morrer defendendo. Eu vi muitos amigos meus, que tinham tendência para serem grandes cineastas, desistirem após a primeira queda. Eu que não tinha força nenhuma, não tinha grana, acreditei, bati, bati, fui chamado de louco, fizeram o que fizeram comigo. O Eugênio [Puppo, Produtor] está agora escrevendo um livro sobre minha vida. Tem o *Maldito*, mas o *Maldito* tem muita coisa... os caras fizeram comigo 400 entrevistas, mas pegaram gente que me odiava de morte. Inverteram. Quem me ajudou, passou a ser vilão, quem era vilão, no livro parece ser herói. Também ridicularizaram minha família com coisas que não tem nada a ver. Todas as pessoas que eu tenho como testemunhas do que eu vivi, eu estou passando para o Eugênio entrevistar, para que seja um livro autêntico. Para que tudo que eu falar, tenha quem confirmar.

3x4 – E o sacrifício que você fez pelo Zé do Caixão, a história das unhas por exemplo?

Mojica – Eu diria que eu fiquei aprisionado a um personagem, para ter credibilidade no mundo todo. Eu sabia que as unhas eram um sacrifício. Tinha que fazer o escambau para segurar aquelas unhas. Mas as unhas eram a marca. Se eu cortasse, perdia força do personagem. E eu acho que a minha missão com as unhas chegou ao fim. O mundo inteiro conhece. Tem um livro para ser publicado pelos franceses, e tem um livro agora pelos americanos, que deve sair no final desse ano ou começo do ano que vem. E tem três brasileiros escrevendo também. Independente do Eugênio, tem mais dois. E eu resolvi escrever minhas memórias. Se der tempo, vou escrever. Se tudo correr bem, eu pretendo lançar também no ano que vem. Porque eu escrevia crônicas para um dos maiores jornais de São Paulo, que era o *Estado de São Paulo*, depois o *Diário de São Paulo* e várias revistas. E essas crônicas, tudo o que eu escrevia era baseado em fatos reais meus. Eu hoje, juntando todas essas crônicas, pondo em ordem cronológica, está quase toda minha vida contada. Com alguns trechos de 2006, 2007, eu estou com as minhas memórias completas. Então eu pretendo lançar. Eu acho que as pessoas vão saber muito mais a meu respeito do que sabem até agora. Inclusive, sempre fizeram entrevistas, mas perguntas que eu queria que fizessem, nunca perguntaram. Cada historinha do passado que eu fiz tem uma história, como eu cheguei a fazer a fita. Não é que eu peguei assim e fui fazer. Hoje, o Eugênio está indo atrás de toda a história da história, uma história que vira outra história. Então há muita coisa que de repente o público não sabe, ficou só naquela narração que veio do *Maldito*. Daí em diante as pessoas só ficaram naquilo.

3X4 – Qual dessas histórias você gostaria de contar?

Mojica – Tem uma fita que eu fiz nos anos 40, 48 só pra ter uma idéia. Hoje o Eugênio está louco atrás

da fita. Agora interessou. Porque havia uma menina no meu bairro... Tinha uma menina, era muito carola, mas ela era bonita. Quatorze anos mas já tinha o corpo desenvolvido. E provocava toda a garotada de dez, onze anos. Provocava, mas ficava na dela. Então era uma santa. Aí um dia ela veio e nós, mais ou menos seis garotos, eu e mais cinco, começamos a segui-la. E ela sabia que nós estávamos seguindo. A gente achava que era alguma coisa do padre, porque ela que abria a igreja, a sacristia e acendia as velas e tal. E nesse dia resolvemos segui-la. Ela entrou na sacristia, deixou a porta aberta para a gente entrar. Daí ela foi tocando vela. Acendendo uma vela, outra. Quando chegou na Virgem Maria, tirava o véu da Virgem, toda aquela capa que não era de gesso, não era de tampo. Aí ela pondo a coisa, mas sabendo que a gente estava olhando, ela resolveu - era uma época que usava saia e saíotes - ela resolveu puxar tudo para cima para arrumar as calcinhas. Porque nós estávamos olhando. Mas no ela fazer isso, o negócio da vela caiu em cima da capa da virgem e começou a pegar fogo. E a capa da virgem caiu em cima da roupa dela. E aí ela começou a gritar e nós ficamos apavorados, entramos pra ajudá-la. Então quando estávamos ajudando ela a apagar, um pega água, outro vai apagando, chega o padre. E não é que essa menina falou que nós entramos tocando fogo na igreja e pegamos ela para estuprá-la. Nossa! O padre mandou chamar todos os pais e mães. Éramos em 6, e todos apanharam dos pais. Mas apanharam feio. Era uma época que se apanhava de cinto. Eu não. Meu pai chegou para minha mãe e falou: “Não, ele não tem culpa, ela é uma biscate. Essa menina não presta”. Minha mãe tinha uma bomboniere e de vez em quando a menina vinha ajudar nessa bomboniere da minha mãe no cinema, meu pai já via rapazes falando, que ela provocava os rapazes de 18, 20 anos. Ele falou nisso e eu não apanhei. Mas eu gravei aquilo. Aí eu fui fazer o filme que chamava-se *Encruzilhada da Perdição*... Pessoal ficava doido em ver mulher nua. Caceta, pensei: eu tenho que fazer um negócio aqui. Mas como é que eu vou pôr uma mulher nua? Naquela época, nos anos 40 você falar em uma mulher ficar nua, era o fim da picada. Aí eu me lembrei dessa menina. Ela gostava de um rapaz chamado Freitas, era um tipo de galã. Eu convenci o cara a fazer o papel central, porque sabia que ela viria direto. Aí, quando fui falar com ela, ela não veio por causa da fita, ela veio porque ia fazer uma cena de beijo com ele. Naquela época esse cara era requisitado por todas. E aí, o que eu faço? Eu mais ou menos imaginava o que ia acontecer. Como eu falei, eu tô sempre avançado no tempo. Estamos com a câmera, filmando. Expliquei para ele que tinha que dar o beijo, levantar a roupa da menina e abaixar as calças, que a gente queria filmar a bunda dela. Naquela época era um negócio assim que ia explodir. E eu sabia que ela ia deixar. Mas ela ia fazer de conta que não sabia. Aí ela começou a cena do beijo com o cara. E ele foi fazendo, levantou. E a gente filmando tudo – esse filme eu tenho – filmando tudo, tal. Ele trouxe a calcinha até o joelho, e aí fica presa. A partir dessa hora entrava realmente na fita. Na fita entraria o cara que era amante dela, pegando ela com outro. Ele entra e BANG! Mete o tiro. E ela no desespero tinha que levantar e correr pra ele. E o que aconteceu? Ela se esqueceu, sabia que estava com a saia levantada, mas se esqueceu que a calcinha estava no

joelho. Então quando ela levantou para ir atender o cara, PÁ! Levou um tombo tão feio que estourou os dentes e tudo. E a gente filmou tudo. Eu falava: “Vai, vai! O som a gente vai pôr depois. Vai, pega ele, chora nos lábios dele. Beija ele!”. Ela vai, já estava com os dentes quebrados, e a pele dele fica toda para cima de sangue. Aí eu misturei o sexo àquela cena dela toda nua, tudo certo. E aquilo foi assim, um sucesso na minha vida. Eu ganhei dinheiro porque eu fazia as fitinhas e ia para as cidades. Você tem aqui no Rio Grande, tem Pelotas, tem não sei o quê. Eu ia para a cidadezinha e passava. Passava em lugar que o pessoal trazia até cadeira para sentar. E quando eles viam um negócio desses, uma mulher nua naquela época. E a fita não tinha som. A gente então o que fazia? Eu levava o microfone e ficava interpretando, outro ficava pondo um fundo musical e a gente sonorizava na hora. O pessoal aplaudia e eu ganhava o dinheirinho para poder fazer outro filme. Então cada um ganhava o dinheiro para outro. E assim foi a minha vida. Cada fita tem uma história. Essa foi *Encruzilhada da Perdição*.

3x4 - Quem é José Mojica e quem é do Zé do Caixão? Existe essa separação?

Mojica - São muito separados, não tem nada a ver. Eu estou hoje novamente casado. Fui casado muitas vezes. Perdi duas esposas fantásticas, fui divorciado. Tenho sete filhos, possivelmente terei o oitavo. Três homens, quatro mulheres. onze netos, nove homens, duas meninas. E já estou esperando mais. Então eu estou realizado. O Zé ainda está procurando uma mulher. Eu fui um homem considerado, no passado, um dos mais mulherengos de São Paulo. Chegava a dormir com três, quatro mulheres juntas, na mesma cama. Mas nada tem a ver, a gente muda. Claro que eu sempre vou estar querendo a mulher. No lugar do homem, a companhia de uma mulher. Mas hoje eu não sou aquele homem. Hoje eu vou pela mulher que me entenda. No passado eu ia mais pela beleza. Tive mulheres lindas e inteligentes, e tive mulheres lindas e burras, de tudo. Eu acho que a coisa mais bacana, tanto para uma mulher quanto para um homem, é ter alguém que compreenda, que entenda, e queira ou não, eu acho que fui avançado uns 40 anos nessa questão.

3x4 – De que forma você foi tão avançado no tempo?

Em 48 eu fiz um filme chamado *A Luz dos Olhos Meus*. Eu falava no transplante de córnea, e em 48 nem se sonhava com isso. Eu explicava que a fulana tinha uma paixão tão grande por um cara, que o cara ditou e ela escreveu um livro. Ela era rica, e lançou o livro, comprou os exemplares e fez o cara ficar rico. Pôs na cabeça que ele precisava fazer um transplante – que só ia aparecer depois de 40 anos. Ele fez o transplante, e ela deu os próprios olhos para ele. Aí ele veio a enxergar, conheceu outra mulher e deu um pontapé na bunda daquela que fez ele ficar rico e voltar a ver. Ele ficou com a outra. E eu tentava provar, nessa fita, eu tentava pôr algo que eu achava ser a ignorância humana. Levar pela

embalagem e não pelo conteúdo. Só que naquela época não tinha plástica. Hoje não existe mais homem feio nem mulher feia. Com dinheiro você faz o rosto que você quiser. Na minha época não tinha isso, quando eu escrevi isso. Eu tava falando para o Eugênio: eu estava avançado muito tempo. Quando fiz *Finis Hominis* havia um grande crítico, que hoje é o cara que faz os festivais internacionais em São Paulo, que dizia: "Mojica tá muito avançado o *Finis*". Eu falava das igrejas todas, e não tinha igrejas, quem dominava era o catolicismo. Depois foi aparecendo. Foi, foi, aí surgiu o bispo Macedo. E apareceu igreja que não acaba mais. Hoje dá uma tristeza, quando a gente olha São Paulo. Eu moro no centro. São Paulo tinha 350 cinemas no centro, hoje tem um único cinema. O centro de São Paulo tem um único cinema! O resto é tudo telão de coisas pornográficas. Então só tem um cinema, 350 acabaram. A maioria virou estacionamento... não, a maioria virou igreja, a outra parte estacionamento e supermercado. E o resto tudo igreja. E vai tendo igreja para todo canto. Me perguntam porque eu faço televisão. Eu faço pra divulgar o cinemão. Eu não quero que o cinema acabe, o cinema é uma viagem. Você entra naquela tela enorme e dá a impressão que você é de lá. É muito bonito. E aqui o povo ainda não sabe o que vai vir pela frente. Você vai ter a terceira dimensão sem óculos. É muito bonito. Você olha, você tem a impressão que a moça, você vai querer dar um beijo e tem a impressão que ela está te correspondendo. Eu falo porque eu vi isso em São Francisco. Mas por uma razão que não se entende os militares não deixam sair isso, nem lá, nem aqui. Mas já temos o cinema terceira dimensão. Se você subir, você vê se o cara tem careca. Se ela estiver de saia e a pessoa abaixar para ver a calcinha, vai ver. Todo lado que você olhar, vai ver um ângulo diferente. Parece que estão trabalhando nisso. Três dimensões é três câmeras, não. O que eu vi em São Francisco eram seis câmeras. Aí dava toda essa coisa. E já estavam trabalhando com o cheiro, que também foi proibido. Se aparecesse uma mulher com perfume você ia sentir. Se era forte, você ia sentir o cheiro, mas tudo isso foi brecado, porque eles acham que isso destoa as pessoas. Mas vai chegar uma hora que isso vai ser liberado, porque a evolução está muito grande. Com a internet, com o computador, então isso vai ser liberado. E o cinema não vai acabar.

3x4- Como você aprendeu a fazer cinema?

Mojica - Sabe que eu tenho uma linguagem única, né?! Sou considerado, não só no Brasil, como na Europa, na América, enfim, hoje eu estou entrando no Japão, estou entrando na Índia, e entrando para o Egito. Então eu acho que vou fazer o cerco total. E todos vêem meu cinema como uma linguagem única. Aí eu faço essa fita, que era pra ser feita em 67, 40 anos depois. Mas não mudei uma linha do que eu queria fazer no passado. Zé do Caixão não morreu. Levanta, acaba pedindo a cruz, por que a censura me obrigou a pedir uma cruz. Eu então dei o troco agora. Ele pede a cruz, o padre vai, mas ele mata o padre com a cruz e ainda cega um soldado que estava do lado, que vem a ser o Jece Valadão,

que faleceu na minha fita. Foi a última fita que ele fez, a minha fita. Ele trabalha a fita toda com o olho furado... Então, o que eu tive que fazer: o Zé enlouquece. Fica 10 anos num manicômio, 30 na cadeia e quando sai está com 70 anos. Ele sai mais violento, mais revoltado, mas com os pés no chão. Por que esses 40 anos serviram para ele se prevenir de tudo. Então, por isso nessa fita quando ele morre, ele engravida sete. E um filho tem que nascer. Seria muito acaso ou coincidência morrer todas. Mas eu termino com um raio caindo no túmulo dele, o túmulo se abre e vem a palavra "fim". Para deixar um gancho, porque já estão me pedindo a continuação. Na verdade quando eu escrevi era uma saga. Eram sete fitas, não eram três. Na trilogia eram três, mas na saga de Zé do Caixão eram sete, até a morte dele, quando ele tem um filho, e o filho é que mata ele. Aí ele acredita que teve o filho perfeito, porque se o filho não o matasse, ele não iria acreditar. Ele faz uma maldade proposital para o filho lhe exterminar. E ele morre feliz. Finalmente teve o filho que esperava. Essa seria a saga. De qualquer maneira eu deixei escrito. Estou morrendo, não adianta sucessor, que ninguém vai aceitar. Então deverão ser escritos quadrinhos, livros, e o povo só vai aceitar um filho meu. Eu já tenho uma filha que faz a Liz Vamp. E os filhos que nasceram, ou netos, poderão seguir a saga como "O filho do Zé", mas não dá para fazer como o Zé, por que o povo não aceita. Eu fiz em 99 um concurso, acho que o maior que foi feito no Brasil. Levei um ano para escolher uma pessoa. Havia dez mil concorrentes. Acho que só aqui do Rio Grande do Sul haviam uns mil. Todo mundo para ser o Zé do Caixão, e foi escolhido um. Com esse um eu viajei pelo Brasil, mas não houve jeito, cada vez que eu deixava ele sozinho, alguém saía do teatro. Aí ele mesmo falou: "Seu Mojica, eu prefiro ser um ator nas suas fitas, mas nunca vou tentar ser seu sucessor." E não tem jeito, o povo não aceita, prefere me ver de qualquer jeito. Agora no *Encarnação* eu queria uma pessoa para fazer, mas disseram: "Não, se o senhor não fizer, nós não fazemos a fita". Aí eu tive que fazer essa passagem dos 40 anos, e prossegui a fita como seria em 67. Só que não passaria na ditadura. Eu seria preso e quem sabe até morto. Eu fui preso algumas vezes, mas não chegaram a me matar porque eu tinha uma mídia, eu tinha um Jô Soares, um Glauber Rocha, um Rogério Sganzerla. Então se sumissem comigo esses caras iriam abrir a boca. Eu era uma pessoa protegida pela mídia. Me castigaram, fizeram eu parar de fazer fitas, mas não me mataram.

3X4 - Como era essa relação com o pessoal do cinema novo e do cinema marginal?

Mojica – Eu sempre fui o elo entre um grupo e outro. Eu me dava tanto com o grupo do cinema marginal, quanto com o grupo da Vila Madalena, que era o cinema só de quem tinha dinheiro, quanto com o Cinema Novo, Julio Bressane, Glauber Rocha, Cacá Diegues. Então para mim era todo mundo igual. Todos os lados me apoiavam, e como vocês perguntaram, como eu aprendi a fazer cinema? Eu tive a sorte, o privilégio, a iluminação. Meu pai era toureiro, minha mãe dançarina de tango e cantora. Eu nasci com eles viajando comigo Brasil a fora. Minha mãe cismou que aquilo era vida de cigano e

convenceu meu pai a ficar num lugar fixo. Aí ele veio a ser gerente de um cinema, zelador, e eu morava no fundo do cinema. Filho único, um puta telão, vendo aquilo a vida toda, as maiores fitas do mundo passando. Eu gostava de quadrinhos, meu pai construiu uma gibiteca enorme, então todos números de gibis eu tinha. E no cinema tudo que vinha, eu estava vendo. Aí começou aquela vontade de eu querer fazer. E no lugar de uma bicicleta eu pedi uma câmera, meu pai me deu. Eu comecei a brincar e fiz aos dez anos, *O Juízo Final*, onde pela primeira vez eu tinha, no lugar de discos voadores, caixões voando. E não paravam, iluminava. Quem era iluminado ia, quem ficava, ficava petrificado e ia virando verme. Aí foi projetado para o padre local. Eu achei que iria receber todos elogios do padre. Eu sonhava em ser diretor. Garotinho ainda, eu fiz uma besteira em uma peça da Branca-de-neve que eu dirigi. Eu tinha que fazer a menina gritar, e ela só fazia "ai, ai". Aí eu descobri que essa menina tinha medo de lagartixa, e resolvi ser o caçador, o cara que pegava a Branca-de-neve. Quando eu peguei ela, joguei a lagartixa dentro da roupa. Essa menina começou a gritar, tudo que eu queria. Todo mundo aplaudiu. Só que aí eu falava: "Pára!" e ela não parou. Os pais subiram no palco... e eu perdi minha vaga de diretor. O padre me cancelou. Aí eu comecei a lutar, e por isso eu fiz a fita *O Juízo Final*, querendo que o padre assistisse. Meu pai chamou o padre, colocou uma música sacra. E daqui a pouco sai aquele monte de vermes, um monte de criança saindo do mato correndo. Com um filme preto-e-branco, com a música sacra achei que ia agradar o padre. Mas aí terminou a fita, o padre se levantou, colocou a mão na minha cabeça e disse para o meu pai: "Seu Antônio, o seu filho é um débil mental". Aí começaria a minha saga. Com apoio do meu pai fiz mais uma fita em 8mm e meio, depois comecei com 16mm. Fui fazendo e aprendendo, e a coisa funcionava.

3X4 – E a Escolinha de Cinema?

Depois disso, acabei montando uma escolinha de cinema, coisa que não tinha na época. O próprio Jô Soares diz que a maneira que eu fazia era muito legal, que pessoal se entusiasmava demais. E as pessoas que vinham trabalhar comigo acabavam saindo técnicos, outros diretores de cinema, então era uma oficina em que eu fazia um trabalho muito legal. E ia fazendo minhas fitas da minha maneira. Eu nem sabia que tinha esse negócio de close, primeiro plano. Eu só dizia: "É assim, tem que ser assim". Desenhava como tinha que ser e mostrava para o câmera. Depois eu descobri que tinha que ter plano geral, plano médio, plano americano. Eu que sou um cara que não obedeço roteiro, isso não tinha valor nenhum. Eu ganhei o prêmio de melhor roteiro do Brasil, com *À meia-noite levarei sua Alma*. Só que a fita toda foi feita com uma página e meia. Depois que terminou a fita, aí claro, saiu o maior roteiro do Brasil, porque depois que a fita estava pronta eu coloquei as vírgulas que tinha pôr, coloquei tudo. Mas só fiz o roteiro depois que a fita terminou. Aí quando viram o roteiro disseram: "Não, esse homem é perfeito. É o maior roteiro do Brasil, até as vírgulas ele respeita". Mas a minha linguagem é diferente.

Uma vez eu encontrei com um amigo do Luis Sérgio Person no Rio, e ele me deu um livro sobre cinema. Quando eu cheguei em São Paulo, o Sérgio pegou o livro e rasgou. Me disse: "Mojica, se um dia você tiver que ler um livro, escreva você o seu livro. Senão você vai ficar bitolado. O seu cinema é uma linguagem única, ninguém tem essa linguagem". E eu faço por instinto. Todas as fitas eu fazia, depois corria para assistir no meio do público. Me fazia de "miguel" entre as pessoas e ia perguntar o que acharam legal, porque acharam legal. Então eu ia vendo e de acordo com o público. Eu faço fita para o público. Não faço fita para intelectual, nem pra ganhar prêmio. Ganho na minha persistência em fazer. Mas eu sou o único homem que do cinema virou quadrinhos. É ao contrário, do quadrinho se vai para o cinema. E de *trash* eu virei *cult*, no mundo todo. Todo mundo vê minhas fitas e diz: "Essa fita é cult". A fita mais cara da minha vida tinha custado 150 mil Reais. *Encarnação* vai chegar aos Três milhões e meio. A maior equipe minha tinha sido de 15 pessoas, essa tem 70.

3x4 - Essa não foi financiada pelo sistema de cotas...

Mojica – Não, essa é dinheiro. Eu me juntei a um grupo de jovens e à Olhos de Cão, que fez o *Prisioneiro da grade de Ferro* e *Amarelo Manga*. Nos juntamos à Gullane Filmes, e conseguimos grana do governo estadual. E eu de repente, pela primeira vez na minha vida, ganhei do Governo Federal, das mãos do Gilberto Gil e do Lula, um certificado de honra ao mérito cultural, pelo trabalho que eu prestei no exterior pelo Brasil, e me deram uma medalha. Depois em seguida saiu mais um milhão de reais. Já tinha saído um milhão antes, e aí entraram mais algumas pessoas com dinheiro, e arrecadaram mais R\$500 mil para a finalização. Vai ser uma fita sem efeitos de computador, foi feita em película. Em todas as cenas me deram carta-branca para eu fazer da minha maneira artesanal. Então mesmo com todo esse dinheiro eu não precisei usar o computador. Nada de trucagem, foi tudo feito na base do artesanal, e está perfeito.

3X4 – Como funcionava o sistema de cotas?

Mojica – Não, o problema foi o seguinte. A Vera Cruz era a maior firma que o Brasil teve. Parecia que era uma Hollywood. Todo mundo gastava. A Vera Cruz fechou. Parecia que ia baquear, mas aí surgiu uma firma com grana. Maristela. Maristela fez uns três filmes, e aí não agüentou, fechou. Quando parecia que tudo ia acabar, surgiu a Multifimes, que fez os primeiros filmes em cor, com Hélio Souto, *Destino em Apuros*, em Mairiporã. Mas só faria dois filmes, e acabaria. Com o final dos anos 50, da Multifilmes, parecia que tudo acabou. Você chegava para a pessoa, e dizia: "o cinema nacional acabou". As fitas do Rio já tudo caindo. Parecia o final. E eu lutando pra fazer as minhas fitas e não conseguia. Morria uma atriz, acontecia um problema, entrava outro. Fui fazer *No auge do desespero*.

De repente, estou filmando em cima de um morro, em Moiriporã, cai um vendaval, me derruba a câmera, me acaba. Então era um problema atrás do outro, o desespero foi ficando demais. Aí eu lancei, com uma escritora que está viva ainda, eu tive semana passada com ela, lancei o livro *Sentença de Deus*, que mostrava as cenas da fita, as atrizes que morreram. Esse livro foi um sucesso financeiro fantástico. Ele realmente me recuperou de muitas dívidas. Aonde é que eu estou querendo chegar? Só me lembra.

3X4 – O sistemas de cotas.

Mojica – Aí, o grande problema. Eu tinha grana, mas não o suficiente. E tudo parecia ser o final. Eu falei: “Mas se a gente pegasse as pessoas como associadas?!”. Mas era um tal de fazer contrato aqui, contrato lá. Assim nasceu uma idéia: “E se fizermos um papel que já é um contrato. Ele tem um valor, digamos, um Real. A fita custa duzentos mil reais. Se a pessoa fica com dez mil, ela vai ter cinco por cento.” E assim começou a idéia das famosas cotas, que o Jô ainda diz que eu fui a primeira pessoa a fazer. Agora, o que aconteceu? Incentivou outros diretores, como Oswaldo Candeias, Rogério Sganzerla, Carlos Reichenbach, todos eles também a usar o sistema de cotas. Não era cota direta, mas começavam a usar sete, oito, dez, vinte pessoas, e o cara fazia uma fita. Então, era o possível. E foram muitas pessoas que usaram essas cotas, que pegavam o modelo e começaram a fazer. Aí começou a nascer, novamente começou o cinema a se levantar. Então nós temos a chamada *Boca do Lixo*, que chegava a fazer, só em São Paulo 120, 130 fitas por ano. Mas graças a esse sistema de cotas que começou. Aí animou todo mundo. As pessoas diziam: “Mas Mojica como é que você faz?” Eu jogo o que é meu. Quando eu não tenho mais, começo a vender as cotas. E é o que eu fazia. Ficava sempre com o que eu tinha em dinheiro. Digamos, vinte, trinta por cento eu comprava das cotas. E assim era vendido para os outros os setenta por cento restantes. Queira ou não, eu não deixei o cinema nacional morrer, porque se morre em São Paulo, que é a maior cidade do Brasil, morria no Brasil todo. Então eu tinha que trazer o cinema em São Paulo vivo. Com isso animei o cinema do Rio, e assim começaram vários estados a fazer cinema. Então valeu o sistema das cotas. E eu devo vir com o *Encarnação*, esse ano, fazer entrevista com o Jô. E não tem jeito. Cada vez que eu vou fazer entrevista, ele vai falar da minha escolinha e vai falar das cotas. Então ele mesmo fala. Não precisa nem eu falar. Ele se lembra como começou, como é que foi. Ele freqüentava a minha escola, só ia para olhar, e achava gozado demais. E ele fala isso, do jeito que eu fazia. E continuo fazendo.

3x4 – Porque o gênero terror?

Mojica – Com quatro anos eu ainda não tinha entrando em nenhuma sala de cinema. Aí, meu pai me

pegou, me levou para cabine. Naquela época, havia meses que às terças-feiras só passava sessão para mulheres, sobre doenças venéreas, e às quintas para os homens. E meu pai me levou. Quando abriu a cortina para eu olhar, eu com 4 anos de idade, a primeira coisa que vejo: uma vagina cheia de gonorréia. Eu vi aquilo e me apavorei. Então o primeiro impacto que eu tenho do cinema é o terror. A coisa ficou na minha cabeça. Eu não consegui entender o que era aquilo, uma coisa feia demais. Se tudo der certo, no ano que vem eu quero fazer um documentário retratando mais ou menos essa imagem que eu vi, nos anos 40. Depois desse impacto, veio um outro. No meu bairro, a Vila Anastácio, tinha um quitandeiro, o pessoal gostava dele, ele contava histórias, dava balas para as crianças. Um dia esse cara morre, e foi todo mundo para o velório. No velório, a mãe do falecido dizia: "Só os bons vão embora, os maus ficam". A esposa, naqueles seus quinze minutos de sucesso: "Por que eu não fui no seu lugar? Por que Deus não me levou? Como é que eu vou ficar aqui sozinha?". E os filhos falavam: "Vamos rezar para o papai voltar, vamos rezar". Eu achei legal, e então nós começamos a rezar. Aí o cara começa. Levanta uma mão. Levanta a outra. Senta no caixão. Eu achei aquilo fenomenal. Cheio de algodãozinho espirrando, eu não sabia o que tava acontecendo, mas eu não estava com medo. E do outro lado não tinha mais ninguém. Estava só eu e alguns amigos dele, até os filhos não estavam mais. Estava todo mundo do outro lado da rua. Aí já entrou o delegado com revólver para cima do homem, o padre: "Segue reto, Satanás! Segue reto, Satanás!". Pô, coitado do homem... A mulher pede o desquite, ninguém mais quer saber. O homem não tinha morrido, foi catalepsia. E ninguém quis mais saber do homem. Ninguém quis mais comprar batatas, mandaram ele embora. Foi para outro bairro. O boca-a-boca fez com que ninguém desse emprego para o homem, e ele foi entrando numa solidão até a loucura. Dois anos depois esse homem morre, e eu peço ao meu pai para me levar no enterro. Só fui eu do bairro, ninguém mais. E aí começou o meu interesse. A primeira cena de terror, a que eu falei. Aí eu via o problema da morte, todo mundo fala: "A pessoa não devia ter ido, devia ter sido eu". Aí a pessoa volta e as outras ficam com medo porque ele voltou. Então ficou esse complexo. E daí em diante até hoje eu não parei de estudar a morte, e minhas fitas passaram a tratar deste tema. Daí o meu interesse pelo terror. Um pela imagem feia, que eu nunca tirei da cabeça, que a vida inteira me atormentou e ainda me atormenta, e que eu nunca consegui retratar. Então vou ter que fazer um documentário que eu acho que vai ser bem aterrorizante. E esse problema da morte, com o cara que morreu, que eu retratei no *Finnis Hominis*. Coloquei a cena do cara que estava morto exatamente como eu vi. Ele tirando uma mão, depois a outra, e levantando do caixão. Na verdade todas minhas fitas tem trechos da minha vida. O Zé do Caixão nasceu de um sonho que eu tive com uma pessoa de preto. Eu conto no *Esta noite* mais ou menos o que aconteceu. Então todas fitas tem algum trecho da minha vida.

Cansei de ouvirem dizer que eu era um sádico. Agora vão me chamar de masoquista. Porque no *Encarnação*, eu deito, é ao contrário. Não são as mulheres que enfrentam as aranhas, sou eu. Quem

enfrenta cobra sou eu. Uma quase me cegou. O bote que ela me deu bateu quase aqui nos olhos. Mas eu fiz questão que a cobra ficasse bem colada nos meus olhos. Então tudo que eu fiz com as minhas meninas, eu enfrentei. E a menina que faz a cena das baratas é a minha mulher. Então não quis que ninguém sofresse com isso, a não ser eu e ela. Só nós. Não forcei ninguém, quando o pessoal disse: “Não vamos ficar perto”. Não, fizemos a cena os dois juntos. Mas tudo que eu fiz os outros passarem, eu fiz questão de passar nessa fita, para mostrar que é possível. Se, no passado eu tinha 30 anos, claro que se fosse a cena de eu fazer, eu ia fazer. Eu nunca tive medo. Eu fiz cenas piores de pular, de quebrar perna, de quebrar braço, de quebrar costela. Então eu nunca me importei. Eu nunca quis dublê, só quando já não posso mais. Hoje não dá para mim fazer uma cena de uma corrida como eu quero. Então tem que usar um dublê. Mas aí na interpretação eu vou em frente e não quero ninguém. Se tem que levar um soco, prefiro eu levar um soco de um cara. Para levar um soco, então levo eu.

3X4 – E como começou essa história de dar a car pra bater?

Essa fama eu criei no *Diabo de Vila Velha*. O cara era um sádico e queria que eu apagasse um charuto na mão. Eu falei: “não, eu apago se você fizer um close”. O cara sabia que eu entendia de cinema... Aí eu apago. Se assistir o *Diabo de Vila Velha*, que eu recuperei agora. Ele queria que eu levasse chicote de rabo de tatu nas costas. Eu falei: “Não, não. Eu quero close. Eu quero que me bata na cara. Pode descer o rabo de tatu, não tem problema, mas pegue”. E eu coordenando: “Lente 75, câmera de lá”. Aí mandaram fazer. Depois, diante de um espelho: “Não, por que tem que ser bala de verdade...”. Eu falei: “Não vai rachar o espelho”. A mesma coisa aconteceu em *Encarnação*. Olha que eu fiz o *Diabo de Vila Velha* em 65. Hoje nós estamos em 2007 e de repente se repete a cena do espelho. O pessoal querendo estourar o espelho com bala. Você vai ver no *Diabo de Vila Velha* as balas passando aqui em mim, direto, balas de verdade, que não estouraram. Aí dessa vez os caras já eram mais inteligentes. Eu falei: “Vocês não vão conseguir. Peguem um pedaço de pau”. Então quando o cara mete a bala, que eu estou assim, a imagem no espelho, o cara mete o pau no espelho, no mesmo instante que o cara atira. Então você vai ver o espelho se despedaçar, mas não foi com a bala, foi com o pedaço de pau. Senão não despedaça. Você pode meter quantos tiros quiser no espelho, que não quebra o espelho. Então já agora em 2006, não passei o apuro que me fizeram passar com o tiro de verdade. Deu para o pessoal entender que dá pra se fazer de outra maneira. Não precisa matar uma pessoa para fazer um negócio desses, porque se o cara erra, eu morro. E no dia em que eu fiz a fita, o pessoal com tanto medo, que só ficou meu pai, que eu levei do Paraná para fazer a fita. Mas até o câmera, ligou a câmera e correu, porque achou que o vidro ia espatifar. E o cara era do exército, eu falei: “Não, não. Eu fico aqui”. Ele: “Olha, seu Mojica, o senhor não vira nem prum lado nem para o outro”. E eu: “Não, pode dar que eu sou ator. Não tem problema.” Então as balas passam, aqui. Só ficou olhando meu pai, que sabia que eu

ia ficar. Não ficou nenhum da equipe. Nem Milton Ribeiro, que trabalhava na fita: “Nossa, esse homem, isso aqui vai virar espelho para todo o lado”. Eu falei: “Não, não vai estourar porra nenhuma”. E não estourou. Ficou legal a cena.

3X4 – Você poderia falar sobre o Estúdio Sinagoga.

Mojica – A Sinagoga. Eu sonhava sempre em ter um estúdio esquisito, diferente de tudo que era estúdio de cinema. Eu já tinha visto tudo, né? Aí vem lá uma moça e diz: “Olha, no Brás tem um negócio que se o senhor ver, o senhor vai cair, uma sinagoga espírita, com uma lenda famosa. Um rato que andava, que era a encarnação do marido da dona da sinagoga, e ele andava assombrando todo mundo e ninguém conseguia descobrir o que acontecia com o rato”. Então achei isso legal, pegar um lugar com uma lenda famosa do rato. E aquilo interessou a Sílvia Santos, a muita gente. Todo mundo ia lá filmar, todo mundo ia ver. Você olhava assim, tinha coisas estranhas, espíritas desenhadas no teto. E era umaimensidão. E tinha o eco que você falava e BAAAAAAA, vinha de lá pra cá. E realmente os ratos dominavam. Eu, para enfeitar um pouco mais, coloquei um anúncio no jornal, que eu queria ratos brancos. E aí me trouxeram ratos brancos, que já tinha muitos ratos pretos. Aí eu joguei aquele número de ratos. Então, você estava lá sentado e de repente aparecia um rato mancando, sem uma perna. Então era um cenário fantástico, digno de terror, e que o Luchetti ficou também impressionado com aquilo, e todo mundo ficava impressionado. Eu realmente tinha aquilo pra impressionar mesmo. Então vinha as pessoas do exterior. Aí eu saí também no *Guinness*, nos anos 70, como o estúdio mais estranho que se viu no mundo, que era realmente estranho. E tinha a lenda do rato, que vai daqui, vai de lá. Todo mundo via, só eu não via. Tinha um amigo, que tá comigo até hoje, na idade de 50 anos. O rato fez ele subir quase uma parede, porque o rato ficava de pé, e todo mundo só falava no rato. Aí um dia eu resolvi, estava já o cenário do *Esta Noite*, eu resolvi dormir. Só a luz do luar, a cama do cenário. Fiquei, e quis ficar sozinho. Queria ver o raio do rato. Aí tô deitado, não acreditava. E aí começa, PAC PAC PAC PAC PAC PAC PAC PAC. Quando dou uma olhada para a luz, aquela silhueta negra do rato, em dois pés, vindo para mim. Puta que pariu! Eu peguei um raio d’um pau, e se o bicho não sai nas patinhas correndo eu ia dar. Mas, eu fiquei com aquilo. Escutei coisas estranhas, que eu não tenho explicação, não sei explicar. E fui falar com a dona. Ia dizer que o rato existia, e que era um rato desse tamanho e que andava em duas patas e que todo mundo via. Aí eu fui procurar com ela o que acontecia. O marido dela dava no raio do rato? Ela falou: “É o seguinte: o meu marido usava a sinagoga, e era uma sinagoga, depois passou a ser espírita, porque ele é espírita, e deixou os desenhos da sinagoga lá em cima. Mas o problema é que todo o ano, num determinado dia, ele chamava todos os mendigos, arrecadava dinheiro e dava comida para os mendigos. E aí ele parou, ele morreu, e ninguém mais deu comida para os mendigos do Brás”. Então ela achava que ele vinha

tentando falar, passar essas coisas para as pessoas. Aí eu fiquei meio instigado com aquilo e quis fazer um teste. Mandeí realmente o pessoal fazer uma vaquinha. Tinha seiscentos alunos, quase setecentos alunos. Então todo mundo fez uma vaquinha com a família, juntamos um bom dinheiro, compramos mantimentos a valer, e marquei o dia. Ficou uma fila assim de umas quinhentas pessoas. E demos a dita comida que o marido dela dava. Coincidência ou não, nunca mais apareceu o rato. Pessoal gostava de jogar carta, mas não jogava por que o rato aparecia. Eles saíam correndo. Depois eles faziam carteado, brincadeira de cartas. Enfim, todo mundo freqüentava, faziam ensaio, virou lá lugar para música, para cantarem, acabou a assombração. Ninguém queria por causa do rato, ninguém aceitava. Depois servia para tudo. Tudo que era coisa estranha, o pessoal ia, me alugava o estúdio. E o rato nunca mais apareceu. E a esposa dele, ainda até hoje viva. Ela tá com 90, quase 100 anos. Ela diz que era o marido. E que eu fui o único que compreendeu o marido e dei a comida para os mendigos. Então ele está em paz. Aí, para quem acredita nesse negócio de espírito. Essa foi a história da sinagoga, que hoje, infelizmente, quando eu quis pegar outra vez, foi uma tristeza. Acabaram com ela e virou um estacionamento. Então por isso que eu não aluguei ela outra vez.

3x4 – O que você pode falar a respeito do filme *O Despertar da Besta*?

Mojica – A fita é de 1969. E o que eu pretendia deu certo. Era o que eu achava que ia acontecer com o *Encarnação*. O *Despertar* sobreviveu. Era o *Ritual dos Sádicos*. Na época, falaram que nem o título me liberavam. Eu tive que trocar de *Ritual dos Sádicos* para o *Despertar da Besta*. Se eu tivesse feito o *Encarnação*, eles me queimavam os negativos como tentaram queimar o *Despertar*. Tentaram queimar, briguei, fui preso, fiz, mudei... Hoje eu tenho uma fita que nunca foi exibida comercialmente em cinema, a não ser em festival. Ela saiu em DVD agora, mas em cinema só passou em festival. E ela é considerada a maior obra minha, não só no Brasil como no mundo todo. E a censura me segurou. Simplesmente porque eu falei o que tava acontecendo no momento. Nessa fita trabalha o que foi mais poderoso no Brasil, vocês devem ter ouvido falar no ‘Esquadrão da Morte’. Era uma época que se matava e se jogava num canto. E eu tenho todo ‘Esquadrão’, Fleury, Sininho, todos eles estão participando da fita. Eles vieram me prender sobre drogas, mas eu não vendia. Aí eles acabaram sabendo que eu era o Zé do Caixão e me ajudaram a falar sobre as drogas, que eu não entendia porra nenhuma de drogas. Eu estava fazendo a fita pela revolta que eu tinha, de ter visto uma mulher que era usuária de drogas. Eu tava conversando com o delegado e levaram ela presa. Entraram chutando a barriga dela. Aí eu coloquei os meus seguranças para ver se ela saía. Mas ela nunca saiu. Conversei com as amigas dela. Ela entrou e nunca saiu. Então, mataram essa mulher porque ela fumava. Mas ninguém ia atrás dos traficantes. Ninguém ia atrás das plantações de drogas. Então a revolta minha foi muito grande. E eu parti para fazer essa fita, sem entender. Aí, estive com o pessoal do ‘Esquadrão’.

Eles entendiam de drogas, e me ajudaram. E realmente, a fita ficou perfeita. É considerada minha maior obra, mas nunca foi exibida. A ditadura não deixou. Se fosse o *Encarnação* eles queimavam. Vocês vão ver. Não sei se lanço esse ano, a data prevista é para março. Dia 13 de março do ano que vem, meu aniversário, é a data prevista de lançamento. Deve ter algumas exibições especiais, tanto aqui como no exterior. É uma fita que a cada dois minutos o seu coração vem para a boca.